

LÁPIDES PIONEIRAS: OS EPITÁFIOS, AS LAJES E O MÁRMORE COMO ELEMENTOS CONSTITUTIVOS E SOCIAIS NO CEMITÉRIO CAMPO DA ESPERANÇA, EM BRASÍLIA

Sócrates A. Bastos⁵

33

Resumo: O Cemitério Campo da Esperança, a principal necrópole de Brasília, guarda em si especificidades que fazem dele um caso sui-generis dentro dos cemitérios do país. Fundado junto com a Capital tem formato espiralado, lápides muito baixas e foi concebido originalmente como cemitério jardim. O cemitério alberga dentro de sua área dois subcemitérios autônomos, um israelita e o outro islâmico, e áreas de sepultamento exclusivas para pioneiros e autoridades. É a partir dessa estratificação geoespacial e, por conseguinte, social que se desdobra o estudo de caso de seis lápides escolhidas e suas inscrições epigráficas e epitáfios, em sepulturas analisadas entre a Praça das Autoridades e a Quadra dos Pioneiros. A partir dos epitáfios analisados se pode observar uma narrativa, quase hegemônica, do imaginário do pioneiro, do desbravador dos sertões do Brasil Central, além dos silêncios, das plegárias por indulgências no porvir post-mortem. Este artigo é o ensaio de uma pesquisa sobre epitáfios, memória e narrativas migratórias para sertões dos antigos limites do Estado de Goiás nas primeiras décadas da Capital Federal.

Palavras-chave: Cemitério. Epitáfios. Brasília. Migração. Fundadores

Abstract: The Campo da Esperança Cemetery, the main necropolis in Brasília, has specific features that make it a sui-generis case within the country's cemeteries. Founded simultaneously with the Capital, it has a spiral shape, very low tombstones and was originally conceived as a garden cemetery. The cemetery houses within its area are two autonomous sub-cemeteries, one being Israeli and the other Islamic, with exclusive burial areas for pioneers and authorities. It is from this geospatial and, therefore, social stratification that the case study of six chosen tombstones and their epigraphic inscriptions and epitaphs unfolds, in graves analyzed between Praça das Autoridades and Quadra dos Pioneiros. From the analyzed epitaphs, it is possible to observe a narrative, almost hegemonic, originated from the imaginary of the pioneers and trailblazers of the sertões of Central Brazil, in addition to the silences and the pleas for indulgences in the post-mortem future. This article is the essay of a research on epitaphs, memory and migratory narratives to the sertões of the old limits of the State of Goiás in the first decades of the Federal Capital.

Keywords: Cemetery. Epitaphs. Brasilia. Migration. Founders

⁵ Sócrates A. Bastos é graduado em Comunicação Social, é jornalista profissional e mestrando em História pela Universidade Federal de Goiás, onde é orientado pela Prof. Dra. Maria Elizia Borges. Academicamente, dedica-se aos estudos cimiteriais e dos ritos fúnebres. Bastos é filiado à Associação Brasileira de Estudos Cimiteriais (ABEC).

INTRODUÇÃO

O Estudo dos cemitérios como componente de compreensão da história não é mais exatamente uma novidade no Brasil, embora ainda seja visto com olhos de estranhamento por alguns, é uma temática explorada desde a década de 1960, pelo historiador baiano Clarival do Prado Valladares, pioneiro no estudo e registro desses espaços e, depois dele, pesquisadores como Maria Elizia Borges, João José Reis, Cláudia Rodrigues, Luiz Lima Vaillati, entre muitos outros, têm os estudos cemiteriais como área predominante nas suas praxes de pesquisa.

34

Dentro dos estudos cemiteriais há uma gama de vertentes de pesquisa que, ao primeiro olhar, pode-se questionar a pertinência de seu objeto. Cemitérios dedicados a antigos escravizados e seus ritos fúnebres, sepultamentos indígenas, sepultamento de crianças, ex-votos, cemitérios étnicos, segregação pela causa mortis em espaço cemiterial, são alguns dos exemplos de focos de pesquisa atrelados ao rol de possibilidades na construção de narrativas históricas, sem olvidar ao rol de estudos associados à arqueologia e antropologia.

Este artigo é dedicado a uma curta análise, um ensaio para um estudo mais robusto e encorpado sobre os epitáfios do Cemitério Campo da Esperança, em Brasília, sobretudo aos túmulos situados nas quadras dos Pioneiros e aqueles da Praça das Autoridades, *locus* reservado aos primeiros administradores de Brasília, como fontes dos relatos de chegada, desbravamento e pioneirismo e como elemento de narrativa de histórias dos primeiros migrantes que chegaram à Capital Federal em seus primeiros anos. Reitera-se que este texto tem como objetivo iniciar uma análise de um em pequena amostra quantitativa de objeto de estudo e, por sua própria natureza, renuncia quaisquer pretensões de modelo definitivo para reflexões aprofundadas nos estudos cemiteriais.

A análise comparada tem como objetivo o estudo dos epitáfios, de seus elementos e de sua retórica histórica que reflete, em muitos deles, o imaginário da época da construção da Capital Federal, com elementos textuais que remetem ao desbravador dos sertões, do pioneiro, uma saga *post-mortem* riscada em quadras pré-definidas correspondentes, para esse artigo, a ala dos pioneiros e autoridades.

A partir das comparações entre túmulos diferentes, apresentar-se-á convergências e contradições na construção e ocupação do cemitério Campo da Esperança, não somente da tipologia constitutiva tumular e da escrita epigráfica de epitáfios, bem como identitárias e de estratificação social.

Dentro de um universo de mais 200 mil sepultamentos, conforme dados obtidos junto à assessoria de comunicação da 'Campo da Esperança Serviços Ltda.' em 2021, desde sua fundação em 1959, um ano antes da inauguração oficial de Brasília, seria inviável e inexequível a análise de um número significativo de lápides num processo de triagem e identificação por razões de tempo e pertinência. Considerando-se isso, elegeu-se, especialmente para esta atividade, a comparação e a análise de seis lápides, entre as quadras dos pioneiros e a área reservada ao sepultamento de autoridades.

Durante centenas de anos, na Antiguidade Clássica, a escrita epigráfica foi um elemento de registro dos feitos sociais e de orientações ou normas cujas sociedades escolhiam para a perenidade, para o eterno e isso não implicava necessariamente que toda lápide ou estela tivessem finalidade fúnebre ou memorial.

A epigrafia, que *grossa modo* é a escrita em pedra, foi utilizada por milênios entre os povos antigos para diversas finalidades de registro, como é possível se constatar pelas pranchas hieroglíficas egípcias, na escrita cuneiforme suméria e, posteriormente, nas estelas da Grécia e de todos os rincões do Império Romano.

É a partir de Roma que as inscrições em lápides se propagam pelo Europa Ocidental, como se pode observar em estudos dirigidos aos escritos epigráficos romanos, catalogados, no fim do século XIX, na *Carmina Latina Epigraphica*, (BUECHELER, 1894) coletânea de inscrições romanas, organizada por Franz Buecheler e do *Corpus Inscriptionum Latinarum (CORPUS..., 1871)*. projeto encabeçado por Theodor Mommsen, a partir de 1853.

Segundo registraram os historiadores peruanos Rosa Ostos Mariño e Antonio Espinosa Ureta, os epigramas são poemas classificados em três tipos: votivos, honoríficos e funerários. Não cabe a este artigo uma reflexão acurada e conceitual dessa divisão, a não ser a definição rasa de que: o primeiro promete, faz votos; o segundo honra, louva e, o terceiro, é o epitáfio, a trenodia e a elegia.

As seis lápides pioneiras, do Cemitério Campo da Esperança, são os exemplos registrados em pedra, para posteridade, do ideário de gente do Brasil afora que gostaria de mostrar às gerações futuras à honra da primazia, do visionarismo do suor desbravador derramado para a construção da nova capital nacional.

O pioneirismo aqui retratado não é dos primeiros sepultamentos ou sepultados, mas sim é uma referência às quadras dentro do Cemitério Campo da Esperança destinadas a eles e seus descendentes.

Este é um artigo de uma narrativa que não se esgota aqui, mas sim o texto pioneiro – escusa-se aqui a complacência pelo trocadilho – de uma pesquisa mais robusta e, talvez, mais eloquente a ser apresentada como dissertação para a obtenção de título de mestre em história a ser atribuído pela Universidade Federal de Goiás ao final dessa jornada de investigação, erro, acerto e escrita.

Quando Lúcio Costa imaginou um cemitério para Brasília, segundo a leitura de seu Relatório Final, ele nunca poderia supor que boa parte do que idealizava jamais sairia do papel. O Cemitério de Brasília, ora Cemitério da Asa Sul e, finalmente batizado de Cemitério Campo da Esperança, assim como a própria cidade que o hospeda, naquela altura, era quase tudo barro vermelho do cerrado, calor e desafios. (COSTA, 2018).

Costa queria que seu cemitério repetisse esteticamente a novidade dos cemitérios-parque dos Estados Unidos e europeus, especialmente ingleses, menos barrocos, mais funcionais e, talvez, mais inclusivos. Uma das ideias era que, assim como em terras anglo-saxônicas, esse cemitério da capital prometida por Dom Bosco, nascesse moderno e democrático.

Hoje, mais de 60 anos após a sua inauguração, o Cemitério Campo da Esperança é tal e qual a sociedade que lhe alberga, que lhe espelha o avesso da cidade defunta, da sociedade que vive a dinâmica do vai e vem autônomo dos acontecimentos, do fervilhar, do viver...e do morrer. Injusta, desigual, sectária, estratificada e setorizada.

Há certas implicações do meio físico e social que marcam e diferenciam as necrópoles. Todo o complexo sociológico e a periodização histórica chegam e se depositam nos cemitérios. Tais consequências não economizariam Brasília, por maior que tenha sido a preocupação dos planejadores. (VALLADARES, 1972, p. 1120)

É uma espiral o cemitério da capital, do alvorecer de um novo mundo. Forma mítica, assim como as promessas de Dom Bosco, que anunciaram, ainda no século XIX, o erguimento de uma cidade nova, uma cidade líder, essa capital do mundo austral, banhada pelo cintilar da Constelação do Cruzeiro do Sul.



No Relatório de Lúcio Costa, o urbanista expressa seu desejo de fazer do Campo da Esperança um cemitério democrático com lápides baixas, ou somente placas identificadoras, porque acreditava que, dessa forma, com este modelo de construção cemiterial era possível, pelo menos na morte, minorar as diferenças entre vivos e mortos, entre candangos migrantes de diversas origens étnicas e sociais, numa utopia *post-mortem* que, como se pode observar em qualquer visita à necrópole, não se concretizou mais de décadas depois de havê-lo idealizado.

Os cemitérios localizados nos extremos do eixo rodoviário-residencial evitam aos cortejos a travessia do centro urbano. Terão chão de grama e serão convenientemente arborizados, com sepulturas rasas e lápides singelas, à maneira inglesa, tudo desprovido de qualquer ostentação (COSTA, 2018).

As primeiras inumações no Campo da Esperança ocorreram mais de um ano antes da inauguração oficial de Brasília e os corpos do engenheiro Bernardo Sayão e de seu motorista, José Segundo, foram inumados no dia 21 de janeiro de 1959, segundo registros jornalísticos da época. Trata-se do ex-vice-governador de Goiás e, ele próprio, engenheiro responsável pela execução da construção do cemitério

da Asa Sul, morto esmagado por um galho de árvore que se precipitou em sua cabeça, durante a abertura e construção da rodovia Belém-Brasília, no trecho que cruzava o interior do Maranhão, nas cercanias da cidade de Imperatriz.

Para completar o quadro novelesco, seu motorista, ao tomar ciência da morte do patrão segundo o que foi noticiado à época, e que está registrado nas páginas da Revista Brasília, publicação da Novacap, número 25, teve um ataque cardíaco e morreu. O túmulo de José Segundo está, deduz-se, a poucos metros da morada final de seu patrão, Bernardo Sayão. (O BANDEIRANTE..., 1959).

Não há nada que o possa distinguir de muitos outros túmulos sem rebuscamentos estéticos, exceto a sua simplicidade constitutiva, ocupando uma área dedicada às autoridades, aliás, é a própria obscuridade informativa e a falta de adornos, velas, flores, identificação e epitáfio que o denuncia como o mítico túmulo do motorista do construtor do cemitério. O 'silêncio' das letras e adornos o denunciam. Quando Bernardo Sayão morreu, tecnicamente não havia nenhuma infraestrutura receptiva na área reservada ao cemitério, era tudo mato, algo muito semelhante às trilhas de caminhada ou caminho rurais.



O EPIGRAMA FÚNEBRE COMO ELEMENTO DE DISTINÇÃO

É provável que o número e a estilística dos epigramas disponíveis no Campo da Esperança estejam diretamente associados à simplicidade geral de seus túmulos, de suas pedras tumbais e campas, respeitando uma relação compensatória. Como já foi dito, esse campo santo é um cemitério parque e, isso quer dizer que, o seu padrão arquitetônico privilegia túmulos baixos ou simplesmente lápides, placas metálicas, no chão com simples identificação do sepultado. Essas últimas dificilmente apresentam quaisquer inscrições, além dos registros cronológicos de nascimento e morte, mas, nos túmulos mais antigos, destacadamente nas quadras reservadas aos pioneiros e autoridades, é perceptível uma quantidade maior de campas cujas inscrições são mais elaboradas, caracterizando-as, portanto, como epitáfios em trenodia.

Essa relação entre simplificação arquitetônica e maior sofisticação da escrita tem registro histórico na Grécia Clássica. Segundo Rosa Ostos Mariño e Antonio Espinosa Ureta (URETA; MARINÑO, 2014, p. 26), durante a administração de Demétrio de Faleros, entre 317 a 307 a.C, em Atenas, uma de suas primeiras determinações administrativas foi a proibição de edificações de grande porte e excessivamente adornadas nas necrópoles

atenienses e isso, segundo os estudiosos andinos, terá gerado como consequência um desenvolvimento notável dos epigramas tumulares.

Como nos textos, a iconografia funerária foi ficando cada vez mais detalhada e completa. Assim, de uma simples utilização de elementos decorativos nas pedras funerárias, passou-se a elaboradas representações do defunto (cenas de sua vida, circunstâncias de sua morte etc.) que dialogavam, em muitos casos, com os textos registrados nas lápides. Essa evolução, que continuou até ser substituída pelas estátuas funerárias por parte das famílias endinheiradas, viu-se comprometida, no século IV antes de Cristo, por causa de uma determinação de Demétrio de Faleros, que ordenou limitar a suntuosidade das sepulturas gregas, permitindo-se o uso, unicamente, de estelas funerárias e de pequenas colunas que não necessitassem de nenhum elemento ornamental. [...] É difícil compreender que isso terá contribuído para o decisivo protagonismo do epigrama como meio privilegiado para honrar e perpetuar a memória do defunto. (URETA; MARINO, 2014, p. 26).⁶

Para este artigo, usou-se aqui um critério da representatividade, possível, de epigramas tumulares a partir da cosmovisão nativamente imposta pelo projeto do Campo da Esperança.

O principal cemitério da Capital Federal se desdobra em outros subcemitérios com alguma autonomia administrativa no que diz respeito à autorização e controle de venda de espaços para sepultamentos. Há uma área para autoridades; migrantes pioneiros, que vieram nas primeiras levadas de operários para a construção da capital; e os cemitérios autônomos israelita e muçulmano e, naturalmente, as quadras gerais submetidas à administração da concessionária de serviço público 'Campo da Esperança Serviços Ltda.', que administra os sete cemitérios do Distrito Federal desde 2002.

Considerando-se isso, elegeu-se, excetuando-se representações para os cemitérios israelita e islâmico, especialmente para esse estudo, imagens livres para cada uma dessas estratificações conceituais. Políticos, ministros, militares, professores, artistas e religiosos passaram para a eternidade, porém sem que lhes olvidasse as glórias, os feitos e, sobretudo, de haverem sido, estado e construído a epopeia do povoamento dos sertões do Planalto Central, a partir da década de 1960 do século passado, e seus epitáfios são o meio derradeiro de o comprovarem para os que virão em seguida.

OS TÚMULOS, OS SILÊNCIOS E AS VOZES

Bernardo Sayão, o pai da necrópole

⁶ Versão portuguesa pelo autor deste artigo de sua versão original em língua espanhola: *Al igual que los textos, la iconografía funeraria fue haciéndose cada vez más detallada y compleja. Así, de la simple utilización de elementos decorativos en las estelas funerarias, se pasó a elaboradas representaciones del difunto (escenas de su vida, circunstancias de su muerte, etc.) que dialogaban, en muchos casos, con los textos grabados. Esta evolución, que continuó hasta dar lugar al empleo de estatuas funerarias por parte de las familias adineradas, se vio truncada en el s. IV a.C. merced a una disposición de Demetrio Falereo, quien ordenó limitar la suntuosidad de las sepulturas griegas, quedando permitido, únicamente, el uso de estelas funerarias y de pequeñas columnas que debían prescindir de todo elemento ornamental. [...] Nos es difícil entender, entonces, que ello habría contribuido al decisivo protagonismo del epigrama funerario como medio privilegiado para honrar y perpetuar la memoria del difunto.*

Uma cidade que nasce, lutas vencidas ou a vencer, elementos alegóricos textuais que denotam a relação disruptiva entre o morrer antigo e morrer novo, em todos os sentidos pioneiro [Sayão] em seu próprio cemitério. Na lápide do engenheiro lê-se o seguinte: "A Luta por vezes é ingrata, mas é fecunda porque já estamos vendo a nova cidade que surge. Homenagem de Brasília." Sinaliza-se ao passante sua data de nascimento e óbito: 18 de junho de 1901 e 15 de janeiro de 1959, respectivamente.



Phillipe Ariès diz em seu livro 'O homem diante da morte' que uma das funções do epitáfio era alertar ao passante, aquele indivíduo que trafega pelo cemitério, para o dilema do defunto ali jazente, para chamar atenção para as vicissitudes terrenas ou para retirar daquele quem passa uma prece de conforto e instantes de reflexão. Foi assim a partir da influência do cristianismo na Idade Média (ARIÈS, 2014, p. 296).

Nesse túmulo pioneiro não há nada que remeta ao sofrimento, às tristezas da vida ou a solidão eterna das lajes sepulcrais. Vê-se aqui o júbilo pela conquista, pela finalização, pelo dever cumprido no combate do labor. A cidade que nasce traz a esperança de tempos novos, o progresso que chega ao oeste, aos sertões e a capital que brota do Planalto Central.

A ideação aqui é a antítese do padecimento impelido pelo autor da inscrição epigráfica tumular, que pode ser ou não, redigida pelo próprio homenageado, em vida. São duas linhas, somente um par de linhas, mas menções ocultas que devem despertar no passante as reflexões para as circunstâncias, para a saga daquele que morreu antes que a capital estivesse pronta, em 1959, a vida dada em holocausto no último ano da construção da nova capital; a luta perene, que já se podia ver o fim em ascensão das avenidas, palácios monumentais da administração pública capitalina e das lajes do Campo da Esperança.

Recorre-se aqui, mais uma vez, aos pesquisadores peruanos para quem a figura do dedicante é quase sempre da família, daqueles que partilhavam com o defunto laços de consanguinidade ou de afeto. Ao contrário do habitual, quem lhe rende homenagens, neste exemplo, é a própria *polis*, a Capital em

uníssono e em comunhão com todos os seus habitantes, pioneiros e que continuam a chegar mais de seis décadas após sua fundação. Duas linhas somente, mas ao ‘passante’ atento as necessidades de interpretações hermenêuticas terão sido vãs.

Sua Excelência o Fundador e o Clã Presidencial

40



De antemão, cabe informar ao leitor, que os restos do ex-presidente Juscelino Kubitschek já não estão mais sepultados na área reservada aos túmulos de seu clã, dentro do perímetro de sepulturas dedicadas às autoridades. Seus despojos foram exumados e trasladados para o Memorial JK, no Eixo Monumental de Brasília, em 1981.

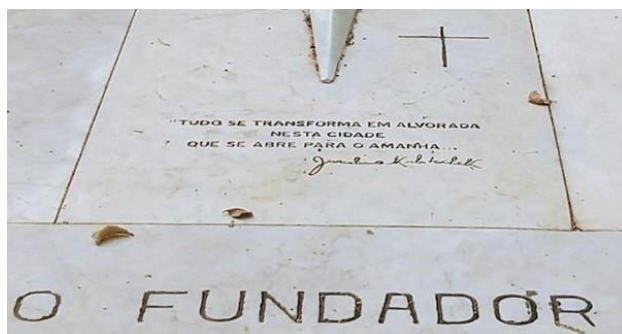
Além de sua esposa e filha, ficaram para trás a memória simbólica de uma tumba vazia, uma espécie cenotáfio não pretendido, e um grande pátio de mármore branco, com visíveis sinais de amarelamento.

De acordo com documentação publicada pela ‘Projeto Memória do Banco do Brasil’ e por uma recente matéria veiculada pela Empresa Brasil de Comunicação (EBC), o complexo de lápides da família presidencial fora projetado por Oscar Niemeyer e foi construído com o mármore sobressalente da construção da capital.

O túmulo, a poucos metros do de um dos pioneiros da nova capital, o engenheiro Bernardo Sayão, foi projetado por Oscar Niemeyer, com revestimento de mármore de Carrara que sobrou da construção da catedral metropolitana (FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL).

À primeira vista, o túmulo vazio do ‘Fundador’ pode impressionar pela simplicidade das linhas que, ao mesmo tempo, convergem com os traços da cidade ao redor. Mármore branco numa área de 8m x 5,5m e um mastro com um receptáculo porta-vela, algo como um obelisco estilizado com uma concavidade. As três lápides alinhadas, a do ex-presidente ao meio, protegidas por uma corrente de aço maciço, muito grossa, que tem o papel de limitadora, linha de fronteira, entre o trafegável e o não trafegável, separa-os das demais lápides na Praça dos Pioneiros. Na lápide antiga de Juscelino Kubitschek

pode-se ler, como inscrição sepulcral o seguinte: *"Tudo se transforma em alvorada para esta cidade que se abre para o amanhã."*



Mais uma vez aqui o conceito do porvir, da esperança e da transformação, tudo junto numa amálgama quase metafísica que se pode apreender semanticamente do substantivo 'alvorada'. Ninguém específico lhe dedica, não se faz necessário, é o Fundador. Já se pode ver aqui uma coisa bastante curiosa, ilações deste autor, que é a supressão de referências religiosas em profusão na quadra situada na 'Praça das Autoridades'. Uma "

Ao contrário das lápides faustosas estudadas por Maria Elizia Borges em seu livro 'Arte Funerária no Brasil (1890-1930): Ofício de Marmoristas Italianos em Ribeirão Preto', não há ali nenhuma imagem alusiva à morte, nenhuma pranteadora, nenhum anjo e seu obelisco é tão estilizado que mal se consegue enxergar nessa peça quaisquer referências aqueles monumentos fúnebres associados ao passado clássico e mitológico do Mediterrâneo (BORGES, 2017). Um pioneiro entre os pioneiros: o epitáfio inexistente e mudo do motorista do chefe



Como citado anteriormente, José Segundo foi o motorista de Bernardo Sayão, o engenheiro construtor do Cemitério Campo da Esperança e, terá morrido de ataque cardíaco quando teve ciência do passamento de seu chefe nas obras de abertura da estrada Belém-Brasília. Conforme fontes jornalísticas, José foi enterrado no mesmo dia ao lado do chefe. A menos que houvesse algum processo de exumação

transcorrido nos anos seguintes, o que não consta em nenhum documento consultado, o seu corpo permanece onde sempre esteve, a menos de dois metros da lápide de Sayão.

Com uma simplicidade construtiva, total carência de adornos elaborados ou mesmo de placa tumular, lápide ou epitáfio e, assim mesmo, dentro do perímetro exclusivamente reservado às autoridades e construtores, há indícios de que esta seja a imagem do motorista, enterrado no mesmo dia e hora que seu chefe. Essa possibilidade, que ainda carece de confirmação documental, é reforçada pelos túmulos assentados à sua vizinhança, elaborados com conceitos arquitetônicos mais homogêneos, à moda do modernismo de Niemeyer e da própria Brasília, todos devidamente identificados e cuidados.

O silêncio aqui fala por si só. A ausência, o "mutismo" das placas de concreto armado já denunciam que se há pouco ou quase nada que se possa ou queira falar de um funcionário de obra qualquer que teve a experiência aziaga de baixar às profundezas sepulcrais do barro vermelho dos sertões do oeste, da terra nova.

Aceitando-se ou se refutando a hipótese levantada, de que a imagem acima seja a da sepultura de José Segundo, trata-se de um túmulo humilde feito de laje pré-moldada com uma cruz, em cabeceira, sem identificação e adornos. À guisa de comparação estética, em nada parece, ou faz lembrar os túmulos sofisticados de personagens ilustres, ligados à cúpula da construção da nova capital.

Joffre Mozart Parada, o demarcador: o primeiro engenheiro a chegar a terra prometida



A escolha de quaisquer linhas temáticas de pesquisa está ligada intimamente às peculiaridades idiossincráticas e emotivas de quem pesquisa e seu objeto de estudo e, tomando isto em mente, não é nada difícil de dizer que para qualquer brasileiro ,nascido ou agregado, com algum conhecimento da história da construção de Brasília, reserva à Joffre Mozart Parada o papel preponderante na edificação da cidade nova – há um gosto aqui em se escrever ‘cidade nova’ com todas as referências em antítese conceitual à obra magistral de Foustel de Coulanges.

Parada foi o primeiro engenheiro a chegar nessas terras do Planalto Central, herdeiro do labor e dos sonhos dos homens pioneiros do ‘Quadrilátero Cruls’, demarcou as primeiras fazendas que tiveram suas áreas expropriadas pela União para a construção da capital.

Mozzart foi professor da Universidade de Brasília, primeiro coordenador do seu departamento de geociências, prefeito da Cidade Livre, entre outras ocupações registradas em linhas e mais linhas, nas páginas dedicadas, a ele nos sítios do Arquivo Público do Distrito Federal e do Conselho Federal de Agronomia e Engenharia. Sua lápide é discreta e está na Praça dos Pioneiros, dentro do Cemitério Campo da Esperança, e nela se pode ler: “O Primeiro engenheiro a chegar: Jofre, o teu exemplo de amor e dedicação e trabalho norteará nossas vidas repletas de saudades tuas. De tua esposa e filhas.” Ainda, em conformidade à sua inscrição epigráfica, o primeiro engenheiro nasceu no dia 18 de dezembro de 1924 e decesso na data de 9 de dezembro de 1976.

Poder-se-á inferir aqui algumas análises: em primeiro lugar, excetuando-se a iconologia cristã, bem demarcada pela cruz que se sobrepõe ao seu túmulo, não há nenhuma menção às passagens bíblicas ou de quaisquer outros credos religiosos. Depois, sua família lhe dedica seu sentimento na intimidade da segunda pessoa, remete-se assim à conversa do seio familiar, da informalidade do bate-papo com suas filhas e sua mulher: “De tua esposa e filhas”. Ariès sugere que os epigramas dedicados pelas famílias podem ser entendidos como forma de publicização da morte, um ato social e que não era muito difundido até o século XV, no mundo ocidental.

No século XV, e principalmente, nos séculos XVI e XVII, torna-se comum a toda a família; associa ao primeiro que morrer seu cônjuge e filhos, ou, quando é jovem, seus pais. Trata-se de um fenômeno novo e extraordinário, que consiste em afirmar publicamente sobre um túmulo visível, uma relação familiar, até e então negligenciada nesse momento supremo da verdade. (ARIÈS, 2014, p. 296).



Sônia Suda: da chegada ao regresso



Não se pode analisar a lápide dessa senhora e não se cair na tentação de tecer interpretações estereotipadas – *stricto sensu* – sobre as vivências, os olhares e o morrer de uma mulher de origem asiática e todo valor que sua ancestralidade e memória evocam ao passante. Pela fotografia que orna a lápide de Sônia T. Suda, identifica-se-lhe a assinatura do fenótipo asiático e, pelo sobrenome, sua ascendência nipônica. É de conhecimento ordinário que boa parte dos japoneses são praticantes do budismo e de outras religiões espiritualistas. Este texto não apresenta nenhuma análise de cariz metafísico ou religioso, ainda que os estudos sobre epítáfios e cemitérios estejam intimamente ligados às subjetividades de rituais de inumação, quase sempre, religiosos, mas, aqui, a ritualística religiosa deve ser somente tangencial aos epigramas apresentados.

Não se sabe se a Senhora Suda tenha em algum dia pensado ou filosofado sobre questões existenciais de aquém e além-túmulo, do antes e do depois; não se sabe ao certo se ela era budista, confucionista, hinduísta ou, quem sabe espírita, mas é certo que ela e sua família acreditavam, pelo menos até o momento em que sua inscrição epigráfica foi assentada, em um regresso a um mundo real que não terá sido o de carne.

Suda nasceu em 1953, sete anos antes da inauguração oficial de Brasília e, quando Sayão teve a primazia da descida definitiva às terras cemiteriais do Campo da Esperança, ela era, ainda, uma menina de seis anos de idade. Sônia voltou a algum recôndito astral de onde terá saído, como ‘ela’ mesma diz, aos 51 anos, em 2004 e tendo chegado de lá, como dito, no início da década de 1950.

O fato é que para o Campo da Esperança a data da chegada estará sempre em detrimento ao momento da partida, dos adeuses e tudo depois é só mais um fragmento para a construção de narrativas da micro-história, para os epistemes dos estudos de memória e para a contemplação do passante.

Sônia Regina T. Suda Silva, Cheguei 26/3/1953, Voltei 01/02/2004. Um dia as lágrimas secarão, mas o brilho de sua luz sempre permanecerá entre nós. Sua morte nos entristeceu, mas, lembrando de sua vida encontramos paz para continuar a caminhada.

Este é mais um epítáfio que poderia suscitar um análise ampla e multidisciplinar recorrendo-se aos estudos da análise do discurso, na linguística; às correntes migratórias para o Planto Central, a partir

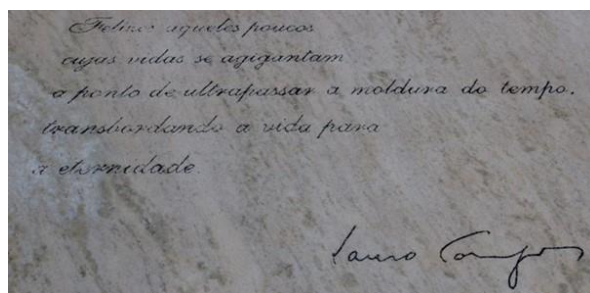
dos finais da década de 1950, na geografia; à demografia estatística; à metafísica e aos estudos teológicos; à filosofia; à estética e história da arte, considerando-se suas opções ornamentais e pictóricas; história das mentalidades; história comercial, industrial e de prestação de serviço do Distrito Federal àquela altura, a julgar pelo tipo de materiais utilizados no erguimento tumular observado, como tipos de mármore, metais, montagem, corte e ‘riscagem’ de pedras tumulares.

O ponto e contraponto da sepultura de Lauro Campos

45

Lauro Campos, foi advogado, senador da República, economista, coordenador da faculdade de economia da Universidade de Brasília, um dos idealizadores de seu curso de relações internacionais e escritor. Refletiu durante toda sua vida acadêmica e política sobre problemas, supostamente, gerados pelo neoliberalismo, economia e questões sociais. Morreu em 2002 e seu nome apadrinha uma fundação de estudos políticos ligado ao Partido Socialismo e Liberdade, a ‘Fundação Lauro Campos’.

Ler imagens e interpretar suas simbologias pode ser um exercício cujos resultados sejam imprecisos, conforme às subjetividades de quem as lê, de quem as interpreta. Não se deve ater aqui às relações e conceituações entre iconologia e iconografia e muito menos trazer à tona quaisquer reflexões profundas das relações entre um e outra, conforme os estudos de Erwin Panofsky, pela natureza breve deste documento, mas, tratando-se de simbologia funerária —da qual o epitáfio faz parte como um componente agregado e indissociável do todo, no que diz respeito às leituras simbólicas e da semiologia da imagem. O túmulo do ex-senador parece uma grande seta que aponta para o norte, que mostra caminhos e tem, na retaguarda, uma seta que pende para o sul.



Não se consultou para a redação deste artigo, as versões da família ou da marmoraria contratada para a construção do túmulo sobre a simbologia desta peça, mas se pode dizer que as setas sempre estiveram associadas às rotas e caminhos e ,no caso de Brasília, as setas (ou flechas) estão na bandeira do Distrito Federal (GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL) , nos seus selos e brasonaria, cada qual aponta para um dos pontos cardeais, a partir do centro, a partir do coração do país, dos sertões do Centro-Oeste para todos os rincões nacionais. Preto e branco se contrastam num sepulcro cujo epigrama tumular

diz: "Felizes aqueles poucos cujas vidas se agigantam a ponto de ultrapassar a moldura do tempo transbordando a vida para a eternidade".

Antecede a inscrição somente menções à data de nascimento e morte, bem como se sabe que seu filho, morto ainda criança, está sepultado junto ao pai: "Lauro Campos 14/12/1928 a 3/01/2002; Raoul Álvares da Silva Campos ,19/2/1962 a 19/07/1964".



Mais uma lápide cujo epitáfio remonta às conquistas, ao superlativo e ao heroico do imaginário estimulado pela epopeia do desbravamento, do novo 'bandeirantismo', do pioneirismo. Outro elemento personalista aqui é assinatura do defunto sobre sua lápide. Uma espécie de afirmação do *status quo* entre os defuntos para o passante, uma forma de distinção vista em outras lápides, especialmente na Praça das Autoridades. Assinatura derradeira, como um último despacho administrativo que autorizasse sua passagem.

Nenhuma menção religiosa aqui, nenhum símbolo da escatologia cristã. Talvez, – interpretação do autor deste artigo – a cruz cristã, a Cruz de Brasília, esteja oculta entre os marcadores cardeais, estilizada com ponto e contraponto dos cortes de mármore que apontam para o seu paradoxo espacial.

Primo Scussolino: o fundador espiritual da Capital Federal

Absolutamente nada chama a atenção na sepultura do Pe. Primo Scussolino, exceto estar ele sepultado na Praça das Autoridades e de haver expirado a vida menos de um mês antes da inauguração oficial da cidade, por seu amigo, o presidente Juscelino Kubitscheck. Scussolino nasceu no início do século XX, em 1906, na Itália, formou-se clérigo sob a égide dogmática das orientações do Concílio Vaticano I— aquele que ainda orientava que toda a liturgia católica fosse exercida em latim e de costas para os fiéis e reafirmava a infalibilidade papal— foi vigário Rio Claro, Campinas e São Caetano do Sul, em São Paulo e, antes de se estabelecer em Brasília, foi padre em Luziânia e Morrinhos, em Goiás.

Ariès, em retrospecto aos sepultamentos de religiosos, a partir da Idade Média, diz que com o passar do tempo, notou-se uma simplificação no estilo tumular eclesiástico, uma espécie de exercício de

humildade compulsória, ao passo que o túmulos ‘começavam a tagarelar’ com o passante sobre as virtudes heroicas e morais do defunto ali jazente. (ARIÈS, 2014).

Em uma breve passagem, é revelado que a publicização dos atos de bravura e de honra de religiosos ficaram especialmente atrelados às algumas ordens, como a dos Cavaleiros Hospitalários (Cavaleiros de Malta), que tinham suas façanhas retratadas nas epígrafes sepulcrais. Mais de seis séculos separam as façanhas de guerreiros religiosos de outrora às atividades missionárias de Scossolino nos sertões de Goiás, mas seu túmulo fala mais pelo silêncio e discrição do que pela forma.

A rigor, um epitáfio é um epigrama tumular, ou seja, algo riscado na pedra sepulcral e na do Padre, de Údine, a simplicidade das palavras quase, poder-se-ia dizer, que é mais um demarcador demográfico, como a justificar seu sepulcro naquele local, cheio de autoridades do que uma elegia simpática à memória do falecido: “Primo Scussolino. 10/12/1906 a 23/07/1960. Ao padre Primo Scussolino, o pioneiro da fé católica em Brasília. Estigmatino” (PROVÍNCIA SÃO JOSÉ. CONGREGAÇÃO DOS SAGRADOS ESTIGMAS DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO).

A primeira constituição republicana, de 1891, estabeleceu a ruptura completa, pelo menos na letra da lei, entre a Igreja Católica e o Estado, mas, como se pode ver, a assinatura católica nessa área do Cemitério Campo da Esperança é tão simbólica como soía centenas de anos antes.

Primo Scossolino era ‘estigmatino’, oriundo, portanto, da Congregação dos Sagrados Estigmas, presente no Brasil desde 1910. Pode-se dizer, bem rasamente, que essa congregação funciona como linha de frente às ações dos bispados onde atuam. Naquela época, Brasília estava ligada à Arquidiocese de Goiânia.

Nas exéquias de Scossolino, antes da fundação da cidade, o Arcebispo de Goiânia, naquela altura, Dom Fernando Gomes dos Santos, deu-lhe a alcunha de ‘Fundador Espiritual da Capital Federal’.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Brasília nasceu para ser moderna e pioneira e, por isso mesmo, foi erguida sem ser tributária das necrópoles neobarrocas das antigas e senhoriais capitais brasileiras, sem que pudesse sepultar seus dignitários em faustosas catedrais douradas de Salvador e as imperiais do Rio de Janeiro, escolheu para si o modelo conhecido como cemitério parque ou jardim, inspirado nos moldes anglo-saxônicos, sóbrios, quase sem lápides, mausoléus e o esplendor dos ritos fúnebres do passado, mas, não obstante à mudança das práxis contemporâneas, constrói uma história peculiar com seu cemitério parque, no coração da capital que cobre às necessidades de descanso eterno de sua contígua área urbana.

O elemento distintivo aqui é, senão, a segregação espacial dentro da necrópole, quando se atribui a determinados grupos honrarias e mesuras traduzidas, exatamente, no local de repouso eterno de cada defunto, cujo verniz social funciona como elemento construtor da identidade capitalina e os epitáfios desses espaços segregados— das quadras reservadas ao sepultamento dos pioneiros e autoridades —

explicitam honrarias e, mais do que isso, epopeias daqueles que chegaram às terras do Planalto Central desejosos de mudança e prosperidade.

A Capital Federal do Brasil não teve que passar por esses dilemas metafísicos e religiosos porque seus cemitérios já nasceram laicizados, públicos e modernos e, desde 2002, são explorados por uma concessionária, de capital privado, prestadora de serviços funerários que leva o mesmo nome do principal cemitério do Distrito Federal, Campo da Esperança Serviços LTDA.

O modelo anglo-saxônico de cemitérios, que é adotado aqui, usando-se uma interpretação livre e despreziosa do que diz Norbert Elias, em seu livro *A Solidão dos Moribundos*, funciona como uma tentativa de higienização da própria morte, de afastamento de seus símbolos lúgubres intimamente ligados à ideia do morrer, à medida em que oferece à sociedade uma imagem menos iconoclasta e espectral como àqueles, à moda europeia, amplamente difundidos em território nacional.

A morte é um dos grandes perigos biossociais na vida humana. Como outros aspectos animais, a morte, tanto como processo quanto como imagem mnemônica, é empurrada mais e mais para os bastidores da vida social durante o impulso civilizador (Elias, 2012, p. 149. E-book).

Tal 'higienização' de elementos efusivamente adornados dessas sepulturas brasilienses, sobretudo dessas com marcadores sociais assinalados pela própria geografia cemiterial, podem ser encontrados, como contrapartida, talvez de forma inconsciente pela família enlutada ou pelo riscador de mármore nas letras, frases e versos dos epitáfios que marcam glórias, pedem preces e enaltecem falecidos pioneiros no Campo da Esperança.

Vê-se aqui, portanto, a convergência milenar dos desejos de gente de agora, com aqueles que precederam às sociedades ocidentais em milhares de anos e fazem, sem o saber, o que os atenienses da época de Demétrio de Faleros faziam para seus mortos queridos quando suas sepulturas tiveram que ser simplificadas por força de lei daquele autarca clássico: a distinção pela epigrafia, pela memória, pelas trajetórias escritas em campas que almejam a celebração eterna dos feitos e honrarias que pretendem marcar para sempre na laje de uma sepultura (URETA; MARIÑO, 2014).

Assim como no mundo dos vivos, as sociedades de corpos mortos, as necrópoles de cada cidade, seguem-se cambiantes, mudam de forma, crescem-se de novos túmulos desfazem-se de outros, transforma-os noutras tumbas, mausoléus ou cenotáfios e é, por isso, uma cópia idealizada do mundo extramuros dos cemitérios e, neste caso, é a referência e reflexo do mundo dos vivos que margeiam seu área. Assim sendo, conforme se esticam os anos, os recortes de tempo, distanciam-se as análises de uma leitura mais apropriada às narrativas visuais mais isentas.

Os túmulos aqui apresentados, neste exercício dirigido, são materializações prováveis do desejo dos vivos, de familiares enlutados ansiosos por conforto e eternização de vínculos a partir de construções tumulares, mais ou menos simples, mais ou menos imponentes e sempre diferentes umas das outras,

amalgamadas de elementos identitários para classes, ofícios, gênero e geração e seus epigramas funerários são o reflexo dessa somatória conjuntural múltipla.

As imagens apenas são o registro puro e simples, mas a leitura do conjunto de seus elementos conta histórias para além das datas gravadas em registros de livros de sepultamentos ou eternizados nas certidões de óbito.

Os epitáfios e, por sua vez, os cemitérios, são, num trocadilho irônico, um organismo vivo e refletem os gostos estéticos de quem respira do outro lado de seus muros.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Monumento histórico, túmulo vazio de JK reina solitário no cemitério**: Corpo do fundador de Brasília fica hoje em museu todo dedicado a ele. Agência Brasil. Brasília, 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-04/monumento-historico-tumulo-vazio-de-jk-reina-solitario-no-cemiterio>. Acesso em: 29 ago. 2021.

ARIÈS, Phillipe. **O Homem diante da morte**. 1 ed. São Paulo: Unesp, 2014.

BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil, 1890-1930**: ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto. Goiânia: Cegraf/UFG, 2017.

BUECHELER, Franz. **Carmina latina epigraphica**, f. 461. 1894. 921 p.

CORPUS inscriptionum Latinarum, v. 1. 1871. Disponível em:

http://play.google.com/books/reader?id=SnQ_AQAAMAAJ&hl=&printsec=frontcover&source=gb_s_api. Acesso em: 27 fev. 2022.

COSTA, Lúcio. **Relatório do Plano Piloto de Brasília**. 4 ed. Brasília: Iphan-Secult/DF, 2018. 23 p. Disponível em:

http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/lucio_costa_miolo_2018_reimpressao_.pdf. Acesso em: 27 fev. 2022.

ELIAS, Norbert. **A Solidão dos Moribundos**. Rio de Janeiro, RJ: José Zahar Editor, 2012.

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. **No enterro: "O povo leva!"**. Projeto Memória-Juscelino. Brasília. Disponível em: <http://www.projetomemoria.art.br/JK/index.html>. Acesso em: 29 ago. 2021.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. Disponível em: <https://www.df.gov.br/simbolos/>. Acesso em: 27 fev. 2022.

O BANDEIRANTE do século XX. **Brasília**, Rio de Janeiro, v. 25, p. 2-9, janeiro 1959. Ano 3, NOVACAP.

PROVÍNCIA SÃO JOSÉ. CONGREGAÇÃO DOS SAGRADOS ESTIGMAS DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO. Disponível em: <http://estigmatinos.org.br/wp-content/uploads/2021/05/PE.-PRIMO-SCUSSOLINO.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2022.

URETA, Antonio Espinosa; MARÍÑO, Rosa Ostos. **Parca voz:** los epitafios del Cementerio Presbítero Matías Maestro de Lima, f. 110. 2014. 219 p.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros:** Um estudo da arte cemiterial ocorrida no Brasil desde as sepulturas de igrejas e as catacumbas de ordens e confrarias até as necrópoles secularizadas. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura-Departamento de Imprensa Nacional, 1972.